

Este número da revista *Nação e Defesa* é dedicado à região da “Ásia-Pacífico”, cuja importância em termos políticos, económicos, militares, tecnológicos e culturais, no contexto global, se tem vindo a acentuar nas últimas duas décadas, em particular em resultado da crise internacional.

A atual crise económica e financeira, que se intensificou após queda do Lehman Brothers em 2008, aparenta ter um carácter essencialmente Ocidental, já que não tem atingido, na mesma proporção, o desempenho económico de muito países do Sul e do Oriente. Ao contrário, tem funcionado como acelerador da transferência de riqueza e de uma transição do Poder, nas suas diversas dimensões, do seu centro tradicional nos últimos séculos – o Ocidente – para Sul e Oriente.

É verdade que o Poder assenta numa diversidade de bases e no equilíbrio e interdependência entre as suas várias componentes – política, militar, económica, tecnológica e cultural. Mas também é certo, como sublinhou Raymond Aron, que os fatores do Poder variam consoante a época e não são imutáveis. Atualmente, o Poder tem um carácter mais difuso e a globalização da economia veio dar uma crescente importância à dimensão económica, particularmente no que à Ásia diz respeito.

Nesta região, a Rússia reemergiu como potência que pretende afirmar a sua esfera de influência; os EUA mantêm-se ainda como a maior potência mundial, mas parecem entrar num período de retração na cena internacional, focalizando agora a sua atenção na “Ásia-Pacífico” e nas questões económicas internas; o Japão “estagnou economicamente” mas tem disputas territoriais marítimas com a China e a Coreia do Sul; e a China consolidou o seu estatuto de potência em ascensão. De todos os atores globais, a China é o que se aproxima mais do estatuto de grande potência e parece ser aquele que tem mais hipóteses de poder desafiar a liderança regional e global dos EUA.

No domínio militar, a China tornou-se o segundo país do mundo com mais gastos na defesa, a seguir aos Estados Unidos da América, e tem vindo a aumentar o seu poder naval e aéreo e a investir do num ambicioso programa espacial. É também uma potência nuclear de expressão média. Tem como um dos seus principais objetivos estratégicos garantir o abastecimento de combustíveis fósseis e outras matérias-primas, que a manutenção do seu crescimento económico acelerado exige. Outro objetivo permanente é o controlo do mar do Sul da China, por onde transitam os petroleiros provenientes do Golfo Pérsico.

Na península coreana a situação permanece fluída e instável, como atesta o mais recente teste nuclear da Coreia do Norte que tende a corroer uma vez mais os esforços multilaterais no âmbito das *Six Party Talks*.

Tal como a China, a Índia é também um país de dimensão continental e uma economia em acelerada expansão. Dispõe de um potencial militar importante e tem vindo a cuidar dos seus instrumentos de defesa, incluindo no domínio espacial. A preocupação com as situações internas de insurreição e com o vizinho Paquistão, a par do objetivo de controlo do oceano Índico, não lhe permitem descuidar a dimensão militar do seu potencial estratégico, sendo uma potência nuclear com um arsenal de capacidades médias.

A ascensão paralela destas duas grandes potências acentuou os dilemas de segurança regionais, num continente onde a competição estratégica é potenciada pela persistência de disputas territoriais, de movimentos secessionistas e a existência de Estados frágeis; daí a justificação para o “*Asia pivot*” dos Estados Unidos.

Em suma, o principal desafio para as potências regionais revolverá em torno da sua capacidade de gestão e moldagem das perceções de insegurança, sem que tal desencadeie um indesejado conflito militar limitado temporal e espacialmente na região.

Todas estas questões, fundamentais à compreensão do atual momento do Sistema Internacional, são tratadas, sob diferentes perspectivas, por reputados académicos nacionais no presente número da *Nação e Defesa*. Gostaria, ainda, de salientar a publicação de um artigo extra-dossiê, da autoria do Professor Adriano Moreira, subordinado ao tema “Entre o Poder da Palavra e a Palavra do Poder”, resultado de uma comunicação efetuada no Instituto da Defesa Nacional, em 10 de outubro de 2012, aquando da conferência “A Sociedade Civil: entre o Poder da Palavra e a Palavra do Poder” (XI Encontro Público da Plataforma Ativa da Sociedade Civil – PASC – coorganizado pelo Instituto da Defesa Nacional e a PASC).

Pretende-se, com este conjunto de pertinentes reflexões e análises, contribuir para o debate sobre temas fundamentais da Segurança e Defesa, nacional e internacional, um objetivo prioritário da revista *Nação e Defesa* e do Instituto da Defesa Nacional.

Vitor Rodrigues Viana